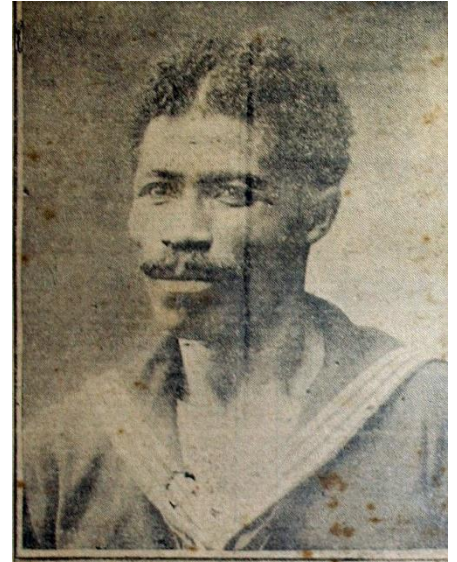


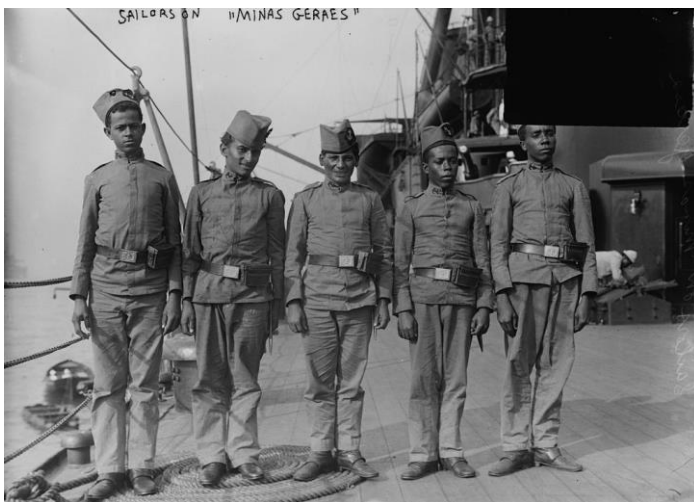
## João Cândido, o Almirante Negro, um Herói Nacional!

Luiz Gustavo dos Santos Chrispino\*

**João Cândido Felisberto**, conhecido como "**Almirante Negro**", Filho dos ex-escravos João Felisberto e Inácia Cândido Felisberto, nasceu na fazenda Coxilha Bonita, que ficava no vilarejo Dom Feliciano, na cidade de Encruzilhada do Sul, em 24 de junho de 1880 e faleceu no município de São João do Meriti, no Rio de Janeiro, a 6 de dezembro de 1969. Aos 14 anos de idade, ingressou como grumete a 10 de dezembro de 1895 na Marinha de Guerra do Brasil, onde a história o destaca como o líder do movimento de marujos contra maus tratos e castigos físicos em embarcações da armada, no movimento conhecido como **Revolta da Chibata (1910)**.



A figura de João Cândido se torna emblemática por vários aspectos importantes. Mesmo após o fim da Escravidão como um todo no Brasil, havia na Marinha uma questão destacada por vários historiadores sobre certa elitização que ainda se mantinha nesta força militar do início do Brasil Republicano.



Seu enxoval básico para oficiais era ainda algo bastante elitizado e caro, o que dificultava a ascensão de membros da classe menos abastadas de fazer carreira até as altas patentes. Observando uma citação do Barão de Rio Branco, vemos uma das fontes de tensão: *"Para o recrutamento de fuzileiros navais e homens alistados, trazemos a bordo a escória de nossos centros urbanos, o subproletariado mais inútil, sem preparação*

*de qualquer tipo. Ex-escravos e filhos de escravos compõem as tripulações de nossos navios, a maioria deles de pele escura ou de mulatos escuros"*.

O uso do castigo corporal tinha sido proibido na população em geral desde a Constituição Imperial de 1824 e no Exército desde 1874. Na Marinha só ocorreu em novembro de 1889, quando a República proibiu tal tipo de disciplina. A lei, porém, foi rescindida menos de um ano

depois, por conta do descumprimento generalizado. O castigo físico continuava através de oficiais que extrapolavam o limite de próprio regimento da Marinha, baseando-se num decreto que nunca foi publicado no Diário Oficial e que estabelecia as *Companhias Correccionais*, órgão criado com o propósito de submeter a um regime de disciplina especial os praças que forem de má conduta habitual e punir faltas em casos que não exijam conselho de guerra.

Prisão a ferro na solitária, de um a cinco dias, a pão e água, era a punição para as faltas leves e até vinte e cinco chibatadas, no mínimo, para as graves. Tal fato era visto como um freio à prática, já que apenas marinheiros com históricos violentos ou subversivos enfrentariam a chibata. A realidade, porém, era diferente, uma vez que as companhias existiam em qualquer lugar nos navios e qualquer marinheiro poderia ser teoricamente transferido para a Companhia Correccional, mas sem ter qualquer mudança em suas rotinas diárias.

João Candido tornou-se muito admirado pelos companheiros marinheiros, que o indicaram por duas vezes para representar o "Deus Netuno" na travessia sobre a linha do equador, e muito elogiado pelos oficiais, por seu bom comportamento, e pelas suas habilidades principalmente como timoneiro. Era o marinheiro mais experiente e de maior trânsito entre marinheiros e oficiais. Com a aquisição de novas embarcações de guerra, oriundas da Inglaterra, ele e alguns outros marinheiros foram enviados, em 1909, para New Castle no Reino Unido, para acompanharem o final da construção e aprenderem a manutenção e manuseio destas novas embarcações. Lá então toma conhecimento de dois fatos que se mostraram marcantes para a situação vivida no Brasil: O fim dos castigos corporais na Marinha Britânica e a tomada de conhecimento sobre o motim ocorrido na Rússia no episódio do *Encouraçado Potemkin*, onde marinheiros russos se revoltaram contra os maus tratos.

**“Nós que vínhamos da Europa, em contato com outras marinhas, não podíamos admitir que na Marinha Brasileira ainda o homem tirasse a camisa para ser chibateado por outro homem”.**

*João Cândido - depoimento no Museu da Imagem e do Som em 1968*

O Descontentamento dos marinheiros com tais castigos já eram visíveis a muito tempo. Várias tentativas pacíficas e propositivas dos marinheiros, incluindo uma audiência de João Cândido no Gabinete do presidente Nilo Peçanha na presença do ministro Alexandrino de Alencar, acabaram sem qualquer providência efetiva para o fim dos castigos físicos, os marinheiros decidiram que iriam fazer uma sublevação, uma revolta pelo fim do uso da chibata, em 25 de Novembro de 1910.

Porém, em menos de uma semana após a posse do novo presidente, Marechal Hermes da Fonseca, ocorre o fato que desencadeia tal movimento. O marinheiro negro Marcelino Rodrigues de Menezes, no dia 21 de novembro de 1910 é punido com 250 chibatadas, não

interrompidas nem com o desmaio deste, conforme noticiado pelos jornais da época e aplicadas na presença de toda a tripulação do Encouraçado Minas Geraes. Tal movimento marcado para o dia 25, acaba sendo antecipado para o dia 22 de novembro.

O conjunto de marujos amotinados destacam a pessoa de João Candido para ser o líder da marujada, e por eles falar. Como visto no mapa abaixo os amotinados seguem a entrada da Baía da Guanabara e não ultrapassando o que seria hoje a região do Caju no município do Rio de Janeiro e chegando até a região de fronteira dos municípios de Niterói e São Gonçalo.

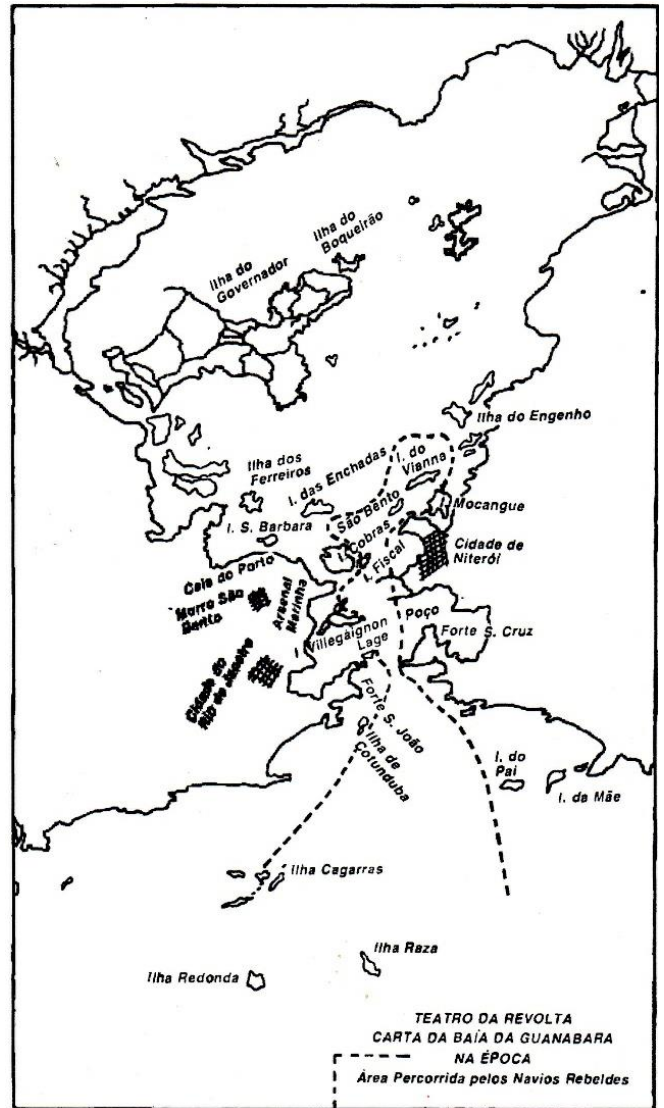
O Conhecimento dos navios e de navegação deu a João Cândido e os marujos que foram ao Reino Unido, condições de moverem as embarcações com maestria dentro da Baía, coisa que os oficiais não acreditavam que tais marinheiros tivessem condições, mostrando o quão errados estava o oficialato da Marinha. Hermes de Fonseca ainda busca uma saída militar, porém, ao receber um comunicado vindo do *São Paulo*, seu posicionamento começa a mudar e as duas ações começam a se descortinar – Diplomacia e ação militar.

Segue abaixo o texto e o Fac Símile da carta enviada ao presidente.

"Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1910.  
 Ill.º e Exm.º Sr. Presidente da República Brasileira.  
 Cumpre-nos comunicar a V. Exª como chefe da Nação Brasileira: Nós Marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira a falta de protecção

que a patria nos dá e até então não nos chegou: rompemos o negro véo que nos cobria aos olhos do patriotico e enganado povo.

Achando-se todos os navios em nosso poder, tendo a seu bordo prisioneiros todos os officiaes os quaes tem sido os cauzadores da Marinha Brasileira não ser grandioza, porque durante vinte annos de Republica ainda não foi bastante para tratarnos como cidadãos fardados em defesa da patria mandamos esta honrada mensagem para que V. Exª. façaa nós Marinheiros Brasileiros possuirmos os direitos sagrados que as leis da Republica nos faculta, acabando com as desordens e nos dando outros gosos que venham engrandecer a Marinha Brasileira, bem assim como: retirar os officiaes incompetentes e indignos de servirem a Nação Brasileira, reformar o Código imoral e vergonhoso que nos regem, affim de que desapareça a chibata, o bollo e outros castigos semelhantes; aumentar nosso soldo pelos últimos planos do Illº Senador José Carlos de Carvalho, educar os



TEATRO DA REVOLTA  
 CARTA DA BAIÁ DA GUANABARA  
 NA ÉPOCA  
 Área Percorrida pelos Navios Rebeldes

Marinheiros que não tem competencia para vestirem a orgulhoza farda, mandar por em vigor a tabella de serviço diário, que a acompanha.  
 Tem V. Ex<sup>a</sup> o prazo de doze (12) horas para mandar-nos a resposta satisfactoria, sob pena de ver a patria aniquilada.  
 Bordo do Encouraçado "São Paulo" em 22 de Novembro de 1910.  
 Nota: Não póderar ser interrompida a ida e volta do mensageiro.  
 Marinheiros."

Duas outras ainda seriam enviadas, porém, a movimentação dos navios com brilhantismo por João Cândido e os outros marujos, levou o governo a optar melhor pela saída diplomática. Hermes da Fonseca participou pessoalmente das negociações. No Minas Geraes combinou com os marinheiros que, encerrando o motim e devolvendo os navios, suas pautas seriam aceitas e os envolvidos anistiados.

Rio de Janeiro 22 de Novembro de 1910

M<sup>tes</sup> Ex<sup>as</sup> Sr.  
 Presidente da Republica Brasileira.

Cumpro-mos, comunicar a V. Ex<sup>as</sup> como chefe da Fracção Brasileira:

Nos Marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira a falta de protecção que a patria nos dá e que até então não nos chegou; rompemos o negro véo que nos cobria aos olhos do publico e pararamos.

Estando-se todos os navios em nosso poder, tendo ao seu bordo presbiteros todos os officiaes os quees tem sido os culpadores da Marinha Brasileira não ser grandiosa, porque durante vinte annos da Republica ainda não foi bastante para tratarmos como cidadãos fardados em despejo da patria, mandamos esta honrada mensagem para que V. Ex<sup>as</sup> faça nos Marinheiros Brasileiros

quees possuirmos os direitos sagrados que as leis da Republica nos concede, acabando com as desordens, e nos dando outros meios que venham engradecer a Marinha Brasileira, bem assim como: retirar os officiaes incompetentes e indigodos de servir em a Nação Brasileira, reformar o Regimento orgânico e vergonhoso que nos temos, e assim de que desapareça a farda, o bofete e outros castigos semelhantes, augmentar o soldo, soldo pelos ultimos planos do M<sup>tes</sup> Senado, José Carlos de Carvalho, educar os Marinheiros que não tem competencia para vestirem a orgulhoza farda, mandar por em vigor a tabella de serviço diário que a acompanha.  
 Tem V. Ex<sup>a</sup> o prazo de doze (12) horas para mandar-nos a resposta satisfactoria, sob pena de ver a patria aniquilada.

Bordo do Encouraçado "S. Paulo" em 22 de Novembro de 1910.

Nota - não póderar ser interrompida a ida e volta do mensageiro.  
 Marinheiros.

Fac-símile do Memorial-ultimatum enviado no dia 23-11 pelos marinheiros revoltados ao Presidente da República.

Apesar de ser enviado do Minas Gerais, o memorial foi datado de São Paulo e por certas passagens pode-se perceber que foi redigido bem antes do dia 22.

Num primeiro momento, parecia uma verdadeira vitória. Fonseca realmente instituiu uma lei que baniu os castigos físicos nas instituições do governo. Porém, quando o quadro da Marinha voltou à normalidade, o próprio presidente decretou a dispensa de mais de mil marinheiros e a prisão de alguns. João Cândido que participou de todo o processo, após liberar os navios, juntamente com mais 17 marinheiros foi aprisionado na Ilha das Cobras, transferidos para uma cela de isolamento. Dos dezoito - apenas João Cândido e João Avelino Lira, ficaram vivos na

manhã seguinte - dezesseis foram vítimas de uma reação química produzida pelo calor entre a cal viva, usada para desinfetar a cela e o dióxido de carbono. João Cândido - atingido por alucinações de sua noite traumática - foi condenado a um hospital psiquiátrico. Levou dezoito meses até que ele e nove marinheiros fossem julgados por suas supostas ações contra o governo durante as revoltas de 9 a 10 de dezembro; os juízes os consideraram não culpados, e todos foram dispensados da marinha.

Muitos falam da incapacidade de conhecimento dos marujos negros, algo que João Cândido não passou - Ao contrário do estereótipo que identificava João Cândido como um homem sem instrução, ele foi, sim, instruído e instrutor. Por um ano, frequentou a Escola de Aprendizes de Marinheiros em Porto Alegre, em 1895. Depois, já engajado, esteve lotado na mesma Escola em Recife, durante quatro meses em 1903, como instrutor. Além disso, exerceu as seguintes funções em diferentes navios: artilheiro, maquinista, faroleiro, sinaleiro, gajeiro e timoneiro. Dominava saberes complexos. Lotado na Divisão de Instrução do navio-escola Benjamin Constant, participou de atividades variadas, como: artilharia, torpedo, evolução, tiro ao alvo, bloqueio de portos, levantamento hidrográfico e reconhecimento de portos. O marinheiro gaúcho serviu como instrutor na Divisão Naval de Instrução do navio-escola Primeiro de Março, quando ensinou exercícios militares para aspirantes da Escola Naval, em agosto de 1908. Ou seja, não lhe faltou instrução.

**"De origem muito pobre, João Cândido não estudou. Mas tinha uma sabedoria e um espírito de liderança que permitiram que se destacasse na Marinha. Aprendia tudo de olhar",**

Fernando Granato, Jornalista e autor dos livros *O Negro da Chibata* (2000) e *João Cândido* (2010), da coleção *Retratos do Brasil Negro*.

Após sair da prisão, em 30 de dezembro de 1912, João Cândido passou viver de biscates e da venda de peixes. E foi com essa atividade que na Praça XV em 1937, aos 57 anos, já desconhecido por todos, conheceu Edmar Morel, Jornalista do Globo, que decidiu escrever sua história biográfica intitulada *A Revolta da Chibata* (1959). Conta ainda que em março de 1953, quando soube que o *Minas Geraes* seria vendido como sucata, subiu em seu modesto caiaque, o *Três Marias*, indo até ancoradouro. Lá chegando deu um beijo de despedida no casco enferrujado do navio que ele, juntamente com outros marinheiros negros, havia posto a fim os maus tratos feitos aos negros da Marinha Brasileira e o colocado no patamar de Herói da libertação do povo brasileiro.

**"É preciso que trabalhemos muito, que haja muita união, parte com parte. Desapareçam as paixões, os espíritos de vinganças que hão de vir ou virão, é preciso que estejamos unidos para o futuro".**

*João Cândido - depoimento no Museu da Imagem e do Som em 1968*

**"Embora nunca tenha sido castigado na Marinha, meu pai não aceitava que os**

**companheiros fossem torturados. Não foi um ato de heroísmo o que ele fez. Foi um ato de humanidade. A maior lição que meu pai deixou foi não abaixar a cabeça para ninguém. E assumir as consequências do que faz”**

*Adalberto Cândido, o Candinho, de 81 anos – filho de João Cândido*

Em 6 de dezembro de 1969, João Cândido, então com 89 anos, deu entrada no Hospital Getúlio Vargas, no Rio, onde morreu dois dias depois, de câncer no intestino.

**"O reconhecimento de João Cândido está aquém do que deveria ser. Até hoje, os livros didáticos comentam muito superficialmente a Revolta da Chibata e, por esse motivo, muitos brasileiros não sabem quem é e o que fez João Cândido. Ele precisa ser colocado no panteão dos grandes heróis”**

*Vinícius Baião – dramaturgo*

**"Por mais que tentassem derrubar sua história, João Cândido foi sempre lembrado e festejado como o líder de centenas de marinheiros negros que deram um basta aos desumanos castigos corporais."**

*Historiador Álvaro Pereira Nascimento, professor da  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)  
e autor do livro Cidadania, Cor e Disciplina na  
Revolta dos Marinheiros de 1910 (2008).*

Uma das maiores homenagens que recebeu depois de sua morte foi a Música de João Bosco de Aldir Blanc, que, assim como João Cândido havia sofrido ostracismo em vida, sofreu censura tendo de ser reescrita com algumas modificações. Segue abaixo as duas versões.

## **MESTRE SALA DOS MARES**

Há muito tempo nas águas da Guanabara  
O dragão no mar reapareceu  
Na figura de um bravo feiticeiro  
A quem a história nunca esqueceu

Conhecido como Navegante Negro  
Tinha a dignidade de um mestre-sala  
E ao acenar pelo mar  
Na alegria das regatas

Foi saudado no porto  
Pelas mocinhas francesas  
Jovens polacas  
E por batalhões de mulatas

Rubras cascatas

jorravam das costas dos santos  
Entre cantos e chibatatas  
Inundando o coração do pessoal do porão  
Que a exemplo do feiticeiro gritava então

Glória aos piratas, às mulatas, às sereias  
Glória à farofa, à cachaça, às baleias  
Glória a todas as lutas inglórias  
Que através da nossa história

Não esquecemos jamais

Salve o Navegante Negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais

Mas salve

Salve o Navegante Negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais

Mas faz muito tempo

## **ALMIRANTE NEGRO**

Há muito tempo nas águas da Guanabara  
O dragão no mar reapareceu  
Na figura de um bravo **MARINHEIRO**  
A quem a história nunca esqueceu

Conhecido como **ALMIRANTE** Negro  
Tinha a dignidade de um mestre-sala

E ao acenar pelo mar  
Na alegria das **FRAGATAS**

Foi saudado no porto  
Pelas mocinhas francesas  
Jovens polacas  
E por batalhões de mulatas

Rubras cascatas

jorravam das costas dos **NEGROS**  
**PELAS PONTAS DAS** chibatas  
Inundando o coração do pessoal do porão  
Que a exemplo do **MARINHEIRO**

gritava **NÃO**

Glória aos piratas, às mulatas, às sereias  
Glória à farofa, à cachaça, às baleias  
Glória a todas as lutas inglórias  
Que através da nossa história

Não esquecemos jamais

Salve o **ALMIRANTE** Negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais

Mas salve

Salve o **ALMIRANTE** Negro  
Que tem por monumento  
As pedras pisadas do cais

Mas faz muito tempo